

ESTE PÁSSARO VOOU

SUSANNA
HOFFS

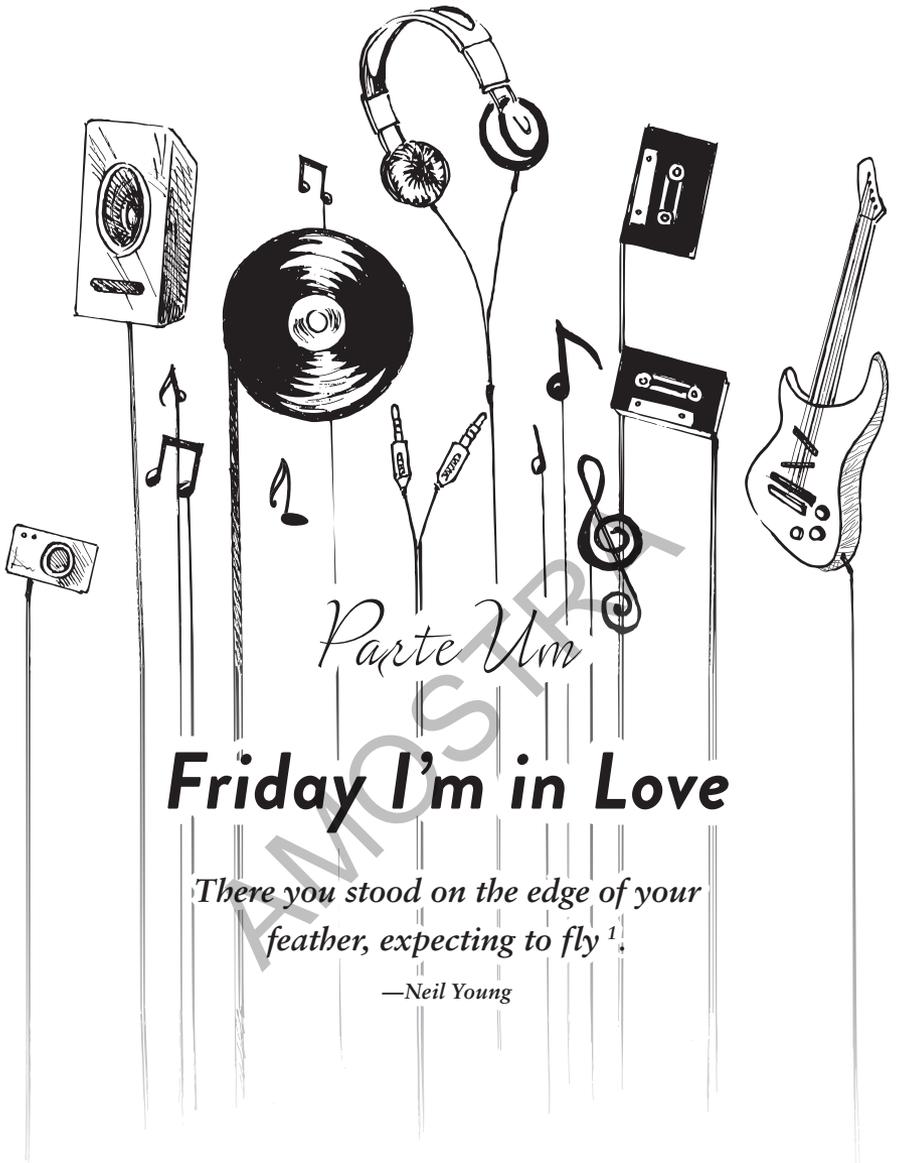
Tradução de Livia Pacini



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

*Para os amantes da música,
e para os amantes,
em toda parte.*

AMOSTRA



Parte Um

Friday I'm in Love

*There you stood on the edge of your
feather, expecting to fly¹.*

—Neil Young

1 Lá estava você, esticando a asa, esperando voar. [N. da T.]



Capítulo 1

TEARS OF A CLOWN

Parando para pensar, o elevador é que nem a vida: ou está subindo ou descendo. Eu estava com uma roupa de piranha e descia rápido, sozinha, em direção a um “show privado” em Las Vegas que nunca deveria ter aceitado fazer. Shows privados são sempre um pouco sinistros. Mas estava desesperada. Por vários motivos. Ah, quem dera a minha sorte mudasse, e eu não precisasse encarar outro show duvidoso por um bom tempo!

Eu estava usando um pedaço de pano minúsculo como vestido, meio escondido embaixo do cardigã vintage do meu ex-namorado, a única coisa que roubei dele, por valor sentimental, quando me trocou por uma modelo de lingerie de 23 aninhos. Dois meses atrás.

Não se atreva a chorar. Não por ele, não por isso, não *agora*.

Dei de cara com o meu reflexo nas portas espelhadas e vacilei. Quem é aquela? Ah, sim. É *ela*. A que dança, canta e *entretém*.

— Aguenta firme — murmurei para me animar. — Você consegue. É só uma apresentação. O show tem que continuar!

As portas se abriram no mezanino, e a silhueta de Pippa apareceu, recortada contra a luz do sol do entardecer que se derramava por uma parede de vidro bizarra, dando a impressão de haver uma auréola reluzente sobre seu cabelo loiro desgrenhado. Pippa, meu anjo, minha melhor amiga e empresária, que tinha voado lá de Londres para me resgatar do desespero.

Nosso reencontro foi abreviado por um alvoroço no corredor. Pippa pareceu evaporar em uma explosão de luz branca, e fui arremessada para trás por um corpo quente que avançava sem hesitar, de um jeito meio rude, em direção ao elevador e em *minha* direção.

— Perdão! Meu Deus, mil desculpas — disse uma voz densa e estrondosa com sotaque australiano.

Duas mãos desajeitadas me firmaram pelos ombros, seu calor e peso geraram uma onda inesperada que me atravessou. Olhei para cima, vislumbrei um lampejo de sorriso (desconsolado) e o rastro de movimento de um cabelo comprido (escuro e brilhante). Estava encarando um par de olhos azuis enormes e cintilantes quando Pippa se aproximou e me arrancou do elevador.

Hello, goodbye, pensei quando as portas se fecharam e ele desapareceu numa espécie de truque terrível de ilusionismo. Seu olhar tinha sido tão animador, e o sorriso, tão profundamente radiante, que senti algo que eu não sentia desde que Alex, meu então companheiro há quatro anos, confessou estar me traindo com Jessica: uma vaga agitação, algo parecido com otimismo.

Pippa voltou a entrar em foco.

— Era a All Love. — Ela abriu um sorriso, pegando a alça da minha mala de rodinhas e seguindo pelo longo corredor com os sapatos de tiras de salto alto batendo no chão.

Corri para alcançá-la e entrevi uma ridícula réplica da Torre Eiffel ondulando na miragem através das janelas.

— Como assim All Love?

— Uma dupla pop, da Austrália, estava no elevador — respondeu ela.

— Dupla? — Eu só tinha notado um.

— Dois irmãos. Não são lindos? Eles vão tocar amanhã à noite no estádio aqui do lado. Você *estava mesmo* morando numa caverna. — Pippa me lançou um olhar, afastando sua franja perfeita da testa. Com aqueles traços de boneca, ela estava a cara da Marianne Faithfull jovem.

Para falar a verdade, Pippa tinha feito milagre ao conseguir esse show para mim. Fazia anos que eu não me apresentava. Ela sabia que estava precisando de dinheiro. Eu tinha voltado para a casa dos meus pais, o que, aos 33 anos, era um último recurso desmoralizante.

E lá estava eu... na cama molenga de solteiro... partículas de poeira dançando sobre quatro sacos de lixo que eu não tinha forças para vasculhar... tudo que restava da minha vida com...

— Como é que você nunca ouviu falar da All Love? — perguntou Pippa tirando sarro de mim, risonha e incrédula. — Eles são *gigantes*.

Eu estava morando numa caverna. Ela tinha razão. Só assim para não ver a galinhagem de Alex, que durou *meses*. Meu estômago se revirou. Como pude ser tão sem noção? E *ele*, tão desalmado.

— Chegamos, querida, bem a tempo de uma passagem de som rápida. — Brecamos ruidosamente diante de um par de misteriosas portas de couro vermelho. — Caramba, estava com saudade de você. Isso *com certeza* vai tirar o Alex da sua cabeça. Fazer o que você faz de melhor, na frente de uma plateia que te venera.

— Exato.

Forcei um sorriso. *Mentira*. Eu não acreditava nem um pouco que me sairia bem, que a plateia se lembraria da minha existência ou que isso pudesse me fazer parar de pensar *nele*.

Pippa abriu um enorme sorriso e me abraçou. *Vai fingindo até conseguir*. Atrás dela, lá longe, ao sol, vislumbrei os seguranças do hotel cercados por um bando de fãs agitadas da All Love que ainda estava fazendo cera perto do elevador.



O espaço de eventos deserto em que eu iria me apresentar para a despedida de solteiro era um útero forrado de veludo molhado vermelho que pulsava sob a luz de velas falsas. A decoração era baseada em antigos bares clandestinos da época da Lei Seca: sofás botonê, pista de dança laminada, palco exótico de cabaré — estranhamente desprovido de instrumentos ou músicos.

— Puta merda! — Pippa suspirou, juntando-se a mim no bar depois de um breve tête-à-tête de negócios com um dos organizadores da festa. Ela empurrou um Red Bull para a minha mão. — Acontece que eles não garantiram a banda. Estou *furiosa*, tive que discutir com eles.

Eu precisava admitir: isso foi um alívio para mim. Sem querer esnobar ninguém, é só que nunca tinha tocado com nenhuma banda. Quando estava indo no embalo do meu hit há dez anos, fazia turnês do jeito certo.

Naquela época, podia pagar os músicos, e eles eram os *melhores*, meus queridos amigos Alastair e James, que tocavam baixo e bateria, respectivamente. Ah, se tivesse como fazer uma transmissão com eles lá de Londres! A ideia de tocar com pessoas totalmente estranhas me inquietava. Era o equivalente a um encontro às cegas. E quando é que isso dá certo?

Olhei para trás, em direção ao palco vazio.

— Na real, preferia fazer um show acústico. Mas espera, não tem nem violão...

— Não! — explodiu ela, emendando depois com um sorriso tenso e conciliatório. — Como posso dizer? Eles de repente preferem que você “cante com playback”.

Ela fez o sinal de aspas no ar e deixou os braços caírem, frouxos.

— Espera, *o quê?* Mas nunca fiz isso na vida.

— Porque é uma porcaria e patético, sim, eu sei — chiou.

Levei um tempo para processar, sentindo um gosto amargo na boca. Seria resquício do voo assustador até aqui ou alguma reação química ao apocalipse do meu relacionamento? Ou seria só a simples ideia de cantar com playback? Era melhor não me arriscar tomando Red Bull, levando em conta meu estado de espírito. A não ser que bebesse um pouco de vodca junto, o que era melhor não arriscar também. Porra. Há quanto *tempo* eu não me apresentava? Nem sequer conseguia me lembrar *direito* — minha barriga deu outro tranco. Dois anos? Aquela apresentação na boate (com meia dúzia de gatos-pingados na plateia). Será que fazia tanto tempo assim? Eu tinha desaparecido por completo no mundo de Alex desde então?

— E tem mais — disse Pippa, com ar desolado. — Segundo o organizador da festa, eles só *precisam* mesmo daquela música, o que, é claro, quer dizer que só *querem* aquela música... isso depois de você preparar um setlist decente. — Ela fez uma careta.

— *Tá* — respondi devagar, processando. — Entãooo, eu ensaiei, enchi a cara de reboco velho, me espremi dentro desse vestido de piranha e quase morri naquele voo da Aeroflot, em que desconfio que nem tinha tripulação, para cantar “aquela música”. Com playback. Em Las Vegas.

Pippa sabia muito bem do meu medo de avião.

— Para resumir, sim. *Desculpa*. Porra. — Ela desabou de braços cruzados em uma cadeira.

— Tá, sim, certo. Não, tudo *bem*. — tranquilizei Pippa, surfando numa nova onda de enjoo. — *Sério*. Eu tava só... confirmando. Um show! Até que enfim! Nem sei como te agradecer. Além disso, amo você.

Pippa suspirou.

— Também amo você. Não era assim que eu queria que rolasse. Mas pensei: é um trabalho! A grana é boa, e sinceramente era uma oportunidade de te ver depois de tanto tempo. Depois de tudo que aconteceu com... aquele babaca cujo nome me recuso a pronunciar daqui pra frente — acrescentou com doçura. — Mas, olhando pelo lado bom, dessa forma é *vapt vupt*, é entrar e cair fora! E pode ficar tranquila, você é a única apresentação musical!

As portas de couro se escancararam, e uma mulher linda e escultural de salto plataforma usando só um roupão minúsculo de seda e brilhando na luz de fundo vistoriou a sala.

— Bom, é um consolo — falei para engambelar.

Pippa fez uma careta, mortificada. Empresários têm o pior trabalho do mundo. Tudo que pode dar errado, dá. Mas ela também já teve sua cota de vitórias — veja o velho Calça de Oncinha. Na última década, Pippa reconstruiu sua carreira de guitarrista e artista solo lendário apesar do fim da banda dele, Rebel Knaves. Eu sabia que ela o tinha reerguido de mais de uma forma. Para Pippa, não era só questão de dinheiro, ela mergulhava de cabeça. Uma verdadeira apaixonada por música e pelas pessoas que fazem música.

Uma mulher que defendia meus interesses. Que sorte a minha ainda tê-la ao meu lado.

— Estou *brincando*.

Reconfortei Pippa enquanto a mulher passava por nós, com as pernas quilométricas untadas de bronzeador. Eu a imaginei daqui a algumas horas, esfregando a pele para tirar aquilo — adeus, toalhinha branca. Até onde vamos para ficar “atraentes”... Por reflexo, puxei meu vestido microscópico para baixo e lancei à mulher um sorriso tenso de solidariedade. Ela deu uma piscada alegre para mim e estacionou sua mala de rodinhas ao lado da minha enquanto um dos organizadores da festa pôs sacolas de presente com os dizeres *O que acontece em Vegas, fica em Vegas* sobre o fliperama brilhante. Era exatamente o que eu estava sentindo. Mas estava começando a ter um pressentimento *muito* ruim sobre esse show.

— Você está meio pálida — murmurou Pippa, chegando mais perto. Seus traços estavam distorcidos, como se a visse por uma lente grande-angular. — Ah, meu bem. Deixa eu ver se consigo te arranjar um sanduíche ou umas batatinhas.

Ela pegou o cardápio do bar e empalideceu. Arranquei-o de sua mão. Era o “cardápio” para o “Entretenimento” da noite. Abaixo das “Entradas” estava meu nome e, ao lado, uma captura de tela do meu antigo clipe da *música de sucesso*, no qual estava usando uma roupa burlesca e uma peruca rosa, empoleirada na beirada de uma cadeira com as pernas, lastimavelmente, abertas. De novo, não. A constrangedora foto padrão. Porém, a intenção era prestar uma homenagem à coreografia de Bob Fosse em *Cabaret* e ao “momento” controverso de Sharon Stone em *Instinto Selvagem!* E a peruca pareceu a iconografia certa para a mensagem quase feminista do vídeo sobre sexualidade no cinema americano pós-anos 1960. Eu tinha escrito um artigo sobre isso na Columbia! Era para ser algo empoderador.

Pensando agora, foi um delírio meu achar que o vídeo passaria outra imagem além de uma desculpa para mais uma cantora rebolar a bunda. Não que houvesse problema nisso. Eu pregava a aceitação do corpo! Era a favor de todo mundo rebolar a bunda quando e onde quisesse! E achava que era melhor ser reduzida ao *meme* daquele momento do que não ter tido momento algum.



— Que cagada enorme. A culpa é toda minha. Devia me demitir — choramou Pippa, tristonha, enquanto perambulávamos pelos bastidores.

Estava zoando. Na verdade, era *ela* quem estava me fazendo caridade. O único motivo em que eu conseguia pensar para ela ter me mantido como cliente era que acreditava mesmo no meu potencial como artista. Fiquei com um nó na garganta com essa ideia.

— Mas, se você for me demitir — continuou, franzindo as sobrancelhas com ternura —, promete que continuamos amigas?

Minha querida Pippa. O rosto dela acabava comigo. De verdade. Eu estava entre rir de nervoso e chorar. Mais perto de chorar.

— Não seja boba — retruquei, acenando para ela.

— Tá bom, melhor — suspirou, voltando ao normal.

Até mesmo autênticas estrelas do rock fazem shows privados, racionalizei, só que não se fala publicamente quando uma superestrela toca na festa de aniversário de um bilionário em alguma ilha exclusiva por um cachê astronômico. É claro que isso estava na outra ponta do espectro, mas eu precisava desesperadamente da grana. O pagamento desta noite significaria o depósito caução de um apartamento, alguns meses do aluguel, uma chance de gravar outro álbum pretencioso, mesmo que ninguém fosse se dar ao trabalho de escutar. *Seria importante para mim*. Quer dizer, isso se eu conseguisse voltar a compor algum dia.

Como tinha vindo parar aqui? Dei uma espiadinha por uma abertura nas cortinas. Não tinha mais volta. Na verdade, a festa já havia começado. Uns hêteros tops barulhentos se amontoavam na pista de dança à espera da minha apresentação. Com sorte, eles já estariam bêbados, e a lembrança dela seria uma das coisas que ficariam em Vegas. Além do mais, o sanduíche avacalhado e o Red Bull com vodca estavam começando a fazer efeito.

— É tão deprimente que até fica *engraçado*, né?

— Hilário — replicou Pippa.

— Vai dar uma bela piada de festa um dia.

— Exato — disse ela. — E, quando você terminar, te levo para o Nobu, aí a gente se empanturra de coisas gostosas e bebe até cair. Por minha conta.

Esperamos um momento, absorvendo o duplo sentido.

— Então, além de parecer puta, também virei puta oficialmente — falei com ironia, me recuperando.

— Basicamente.

A cara de nada de Pippa deu lugar a um conhecido sorriso travesso.

Pensei: *Aguenta firme. Logo, logo termina*. Tipo quando você está de pernas abertas na mesa ginecológica, e o médico, a meros centímetros da sua virilha, diz: “*Relaxa. Só um pouquinho de pressão e já acaba*”.

Um contrarregra com cara de louco chegou apressado, me olhou com reprovação e conduziu Pippa para um lugar escuro. Quase na mesma hora, ela começou a brigar com ele. Só consegui entender:

— É um ultraje! Jane Start é uma artista. O que você pensa que sou? Uma cafetina?

Pippa voltou balançando entre o polegar e o indicador uma sacola de uma loja de artigos para festas, como se estivesse contaminada. Ela mordeu o lábio e timidamente sacou...

Não. Pode. Ser. Uma peruca rosa-choque.

— O pedido mais enfático veio do noivo. Fique à vontade para recusar essa degradação final.

Ela estava desolada mesmo; eu mal podia suportar vê-la assim.

— O ponto alto da minha piada de festa. — Fingi um sorriso e arranquei a peruca da mão dela.

— Biritas. Nobu. Logo mais — disse Pippa, correndo para esconder meu cabelo embaixo da peruca.

Com grande solenidade, ela pôs um microfone sem fio na minha mão. Estremeci. Eu não era uma apresentadora de programa de entrevistas, pelo amor de Deus. Nem faria um Ted Talk, embora nesse caso usaria um daqueles trecos tecnológicos na cabeça, *pior ainda*. Quem dera ter meu violão e um microfone em um pedestal apropriado.

Troquei um olhar com Pippa, e um arrepio percorreu minha espinha, com um pensamento que vinha reprimindo a noite toda. É *isso* que acontece quando você grava um cover de uma música de Jonesy. Nada que fizer *já* vai chegar aos pés disso. Estava na cara; meu sucesso estava inextricavelmente ligado à canção brilhante *dele*. Começou e acabou ali. Tudo que compus e gravei desde então foi um fiasco. E teve aquela vez, há dez anos, em que Jonesy quis me fazer assinar com a gravadora dele e produzir meu próximo álbum. Tive uma sensação de alívio quando não rolou — um desejo de autonomia criativa e uma leve suspeita de que nada com Jonesy *nunca* seria simples —, mas agora, cá estava eu.

Será que eu tinha sido minha pior inimiga? Tinha escolhido o caminho errado? Por que ainda acreditava que era capaz de compor? Que tinha algo importante a dizer?

Era oficial: este era o momento do acerto de contas. Do alto dos meus 33 anos, eu era um fenômeno de um hit só que tinha passado do ponto — e agora, pelo visto, uma “artista de Vegas” que “fazia” despedidas de solteiro.

Pippa estava lendo minha mente — eu *sabia*, vi em seus olhos, tão claro quanto o brilho da faca de um assassino em um filme de Hitchcock. Uma onda de pânico me tomou, abrupta e penetrante, um tambor fune-rário rufando em meus ouvidos — e me socorri com uma música. *Danke*

Schoen de Wayne Newton começou a soar, suave e ironicamente, na minha cabeça.

Danke schoen, darling, Danke schoen, thank you for... all the joy and pain...

E bem nessa hora, os acordes iniciais do meu hit começaram a ressoar pelo sistema de som. Hora do show! Eu ia ganhar o meu dinheirinho e me recuperar! Nada nesse mundo poderia destruir meu amor pela canção de Jonesy. Mas meu coração deu um salto — não era minha música ecoando dos alto-falantes. Era uma versão horrível e brega de karaokê...

Pippa olhou para mim boquiaberta e mortificada, mas só tive tempo de engolir o resto de Red Bull com vodca que ameaçou voltar antes de a luz branca de um holofote se acender no meio do palco.

Entrei aos tropeços na claridade ofuscante, brusca e implacável, captando vislumbres borrados dos rostos suados das pessoas da plateia, que dançavam se atirando umas contra as outras como jogadores de futebol americano em câmera lenta. Elas tinham vindo para se divertir, e eu ia garantir a diversão, mesmo cantando com um fundo ridículo de karaokê, mesmo sem um violão a que me agarrar com desespero.

Fechei os olhos. Pensei apenas em cantar. Ia me manter no desenrolar do presente, na *meditação* do canto. Não ia deixar espaço nenhum para a síndrome da impostora ou para o fora que levei de Alex — só pensaria nesta melodia, que parecia imponente na minha garganta, deslizando como seda dos meus lábios. Que emocionante reinventar essa música, cantá-la por todos esses anos! *Obrigada, Jonesy, por escrever essa canção.* E como não dançar ao som desse balanço, como não mexer os quadris, não jogar o cabelo no bom e velho estilo rock ‘n’ roll, mesmo tendo que segurar a peruca rosa?

A nota aguda estava chegando — estava chegando chegando chegando, e eu não ia ter medo. Ia evocar a velha analogia sobre dirigir um carro e me preparar... Manter as mãos firmes, mas relaxadas, no volante... Cruzar o mapa da melodia até atingir o cume íngreme final e liberar a nota do seu abrigo, nas profundezas do meu ser. E quando ela saiu pelos ares, limpa, brilhante e livre, foi como se não me pertencesse de forma alguma, mas fosse de todos os outros, e pensei: *meu trabalho aqui acabou.*



Quinze minutos depois, eu e Pippa vagamos para um canto escuro do bar. Ela deslizou uma taça de champanhe para mim e deu um gole na dela com animação.

— Jane, sério, você foi incrível. Apesar das circunstâncias.

Ela soltou um suspiro de arrependimento e estudou meu rosto. Sabia que Pippa se referia a outras coisas além de eu ter precisado cantar com música de karaokê. Referia-se a Alex. A eu ter voltado a morar com os meus pais. Ao meu bloqueio criativo incorrigível.

— Sinceramente, até esqueço o quanto você é boa, mas aí você canta com essa voz límpida, pura e, ao mesmo tempo, rouca e carregada de emoção...

— Para — insisti, envergonhada.

— É sério. Pode acreditar. Falei que eles podiam tirar o cavalinho da chuva sobre aquela história de *meet and greet* — afirmou, sacudindo o cabelo em tom de desafio. — O noivo pediu para tirar foto com você, *de peruca*. Qual ia ser o próximo pedido? Uma dança sensual?

Eu nunca devia ter feito aquele clipe.

Pippa se endireitou, lendo meus pensamentos.

— Vou pegar o dinheiro agora, posso? — perguntou, com cara de cachorrinho sem dono.

Ah, como senti falta dela.

Nós brindamos com as taças, terminamos as bebidas em um gole, e ela saiu atrás do organizador da festa. O que me restou para me convencer de que tudo isso tinha sido um estudo antropológico edificante foi ficar observando os bombados alcoolizados zoando. Eles não me notaram, sem peruca, vestido de perigete oculto sob o cardigã desleixado do meu ex — pequena e obscura, sem um palco para me elevar. Então, eu tinha me humilhado enquanto eles olhavam com malícia pela tela do celular, me filmando. Sem dúvida um problema de primeiro mundo, pensei, e suponho que tudo seja relativo, até mesmo a chegada ao fundo do poço *comprovada em vídeo*. Porém, Pippa estava voltando, agitando com ar de vitória o cheque no alto, e pensei: *Vou voltar a ser criativa. Vou provar para ela, para mim mesma, que existe muito mais em mim — futuras músicas esperando para ser compostas e cantadas.*

Depois que meu segundo álbum foi um fracasso comercial, há sete anos, a gravadora me dispensou sem cerimônias. Foi a morte, só que mais vergonhoso. Eu mal tinha lançado músicas novas desde então, tirando

algumas para os primeiros filmes de baixo orçamento de Alex, nos primeiros anos do nosso relacionamento. Em vez de usar a composição para sair do buraco, perdi a fé e me distraí com Alex, ajudando-o a restaurar sua primeira casa, de estilo *Mid-Century Modern*, no topo da estrada Mulholland, cortesia do fundo fiduciário da mãe dele. Em pouco tempo, eu tinha desaparecido em sua panelinha de amigos, acreditando que também eram meus amigos. Rolavam noites de jogos, tours por bares, finais de semana em Joshua Tree. Sessões duplas no New Beverly Cinema. Mas tudo evaporou quando Alex chamou Jessica para fazer parte do elenco do seu próximo filme. A perda da vida que tínhamos construído juntos me deixou desorientada. Acabou comigo. A verdade é que eu sentia falta dele, desesperadamente, e de todos os anos em que pensei que estávamos indo em direção a algo maior...

As caixas de som vibravam com uma música eletrônica ensurdecidora, e Pippa tinha voltado. O palco de cabaré se inundou de luz quando um enorme bolo de camadas foi trazido num carrinho. A plateia ficou imóvel apenas por um instante antes de a dançarina irromper. Alguma coisa brilhante sobrevoou a cabeça dos homens e fez pouso forçado no bar.

— Tomara que não seja... — gritava eu no ouvido de Pippa quando a próxima roupa íntima me atingiu bem no rosto (e estava *quente*).

Olhamos boquiabertas para o chão grudento de cerveja, onde cintilava uma calcinha fio-dental de lantejoulas. Pippa agarrou meu braço, em solidariedade, mas seus olhos se arregalaram para algo atrás de mim.

Algo, não. *Alguém*. O Olhos Brilhantes, do elevador, estava a centímetros de distância. Ao seu lado estava a outra metade da dupla, seu irmão. Os dois pareciam príncipes da Disney, com traços aumentados, cílios do Bambi, longos cabelos escuros. Não eram perseguidos por adolescentes em hotéis à toa.

— Vamos dar o fora daqui — disse ele, seus lábios roçando meu lóbulo, sua voz surpreendentemente grave e aveludada.

De repente, lembrei-me de Alex, de como nossas pernas se entrelaçavam, os dois apoiados na mesinha de centro de pedra corian nas altas da madrugada. As luzes refulgentes do Vale de San Fernando cintilando por trás de quinas ininterruptas de vidro. *Lar*.

Não mais. Fiquei com um nó na garganta.

— Sou Alfie. — O pop star abriu um sorriso.

É claro que era. E pensei: por que não? Ele estava radiante. Falou comigo. E o nome dele era Alfie. *What's it all about, Alfie?*¹ Eu meio que queria saber.

Além disso, tinha acabado de ser atingida na cara por uma calcinha fio-dental, que, pensando melhor, dava o toque final à minha anedota. Dava até para dizer que as coisas estavam melhorando.

Terminei o resto da bebida em um gole, analisando as feições dele. Era um rosto muito interessante, na verdade. Quando o príncipe da Disney mais novo começou a cercar Pippa, ela ficou vermelha e me lançou um olhar.

— Claro. O que nos impede? — respondi a Alfie, por cima do barulho. Ele sorriu, ofereceu-me o braço, e eu lhe dei o meu.

AMOSTRA

1 Trecho da música *Alfie*, de Burt Bacharach, cuja tradução é: “O que se passa, Alfie?” [N. da T.]